

EXISTE UMA NOVA CRIANÇA?*

Maria Helena Kühner

Na sociedade acumuladora e competitiva em que vivemos, o *infantil* teve quase sempre conotação inferior ou pejorativa: "deixa de ser infantil" era dito ao adolescente ou adulto como repreensão às vezes até diante de uma simples manifestação espontânea. O fato nada tem de estranhável: se na escala de valores dessa sociedade as pessoas só valem em função do que têm ou do que produzem, a criança e o velho, não sendo economicamente produtivas, seriam necessariamente considerados elementos marginais ou inferiores.

No entanto, entre os detentores mesmo dessa visão, é hoje comum ouvirmos uma frase — constatação ou reclamação — a respeito das crianças: que são mais espertas, mais ativas, mais inquietas e atentas ao que se passa em em torno. Serão elas realmente mais amadurecidas, ou mais precocemente amadurecidas, que as de outras épocas? Ou isso é apenas impressão de alguns, frutos de uma distância no tempo que altera as próprias lembranças e vai nublando a visão, fazendo estranhar os objetos percebidos? Ou até de um sentirem-se deslocados em um mundo cujos valores, aspirações e necessidades são cada vez mais diversos dos seus?

Qualquer que seja a resposta — e um *sim* ou *não* apenas pouco esclareceriam as contradições dentro das quais nos movemos em todos os campos — é evidente ter havido uma alteração nos comportamentos e atitudes da criança que, obviamente, não poderia ficar ilhada ou alheia às profundas transformações que os tempos estão trazendo: transformações geográficas, que tornam o espaço do homem não só sua nação, apenas, mas todo o inundo; transformações econômicas, que obrigam a planificar a produção, criam uma tecnocracia cada vez mais atuante socialmente e dão às massas todo um papel político no Estado; transformações que afetam as escalas de valores, fazendo redescobrir-se a significação real do trabalho ,do sexo, da ação, do social como ampliação das insuficiências individuais, etc. Transformações que já se tornaram tão características da historia e do pensamento de nosso tempo que fizeram das nações do *progresso e mudança*

(*) Publicado nos Cadernos e Jornalismo e Comunicação do Jornal do Brasil (nº 32/33) e nos Cadernos de Teatro do Tablado (nº 63).

as ideias-chave da segunda metade do século XX.

Mudança que, no caso da criança, se evidencia mesmo à visão mais superficial: qual a que hoje se resignaria a ouvir toda uma conversa de adultos sem dar um pio, sem "se meter onde não é chamada?" Quantas aceitariam o "não faça porque não quero e está acabado" com que se impunha dogmaticamente a autoridade? Quantas hoje não questionam essa mesma autoridade com seus porquês e uma contra-argumentação que fazem o desespero de pais e professores inseguros e encastelados em uma falsa noção de "respeito"?

Em todas as atitudes, um denominador comum encaminha as respostas: a criança deixou de ser aquela cera mole em que os "responsáveis" (isto é, os encarregados de "responder por" ela) gravavam respostas que passariam mais tarde a ser ouvidas a cada gesto ou ato que as pusesse em movimento.

E as explicações convergentes das ciências humanas vão mostrando, reproduzidos na criança, os traços que assinalam uma nova imagem do homem: traços de uma civilização extrovertida, que redescobre, em seu espaço planetizado e no tempo que acelera sua história, as linhas de sua evolução; que revê a realidade que o cerca e os valores do social e do universal, que anulam ou reduzem a privacidade e subjetivismo em que se encerrara durante séculos; de um pensamento que se desliga dessa subjetividade idealizada como realidade única e desligada do mundo, para reintegrá-la no mundo com o qual interage; de um saber e uma arte que veem sua posição superior e elitizante desafiada pelos novos meios de comunicação de massa; de uma educação que sofre o impacto da tendência ao autodidatismo, à aprendizagem pela experiência vivida e não pelo recebimento ou transmissão passivos de uma herança ou patrimônio cultural; de uma *cultura*, enfim, em que a *informação* e a *comunicação* se tornam essenciais e a *linguagem* — base do contato e do diálogo que estabelecem a relação — objeto de atenção. Cultura que, sendo o lugar de intercâmbio dos homens entre si e com seu mundo, torna-se o eixo em que concentra a ação de um homem que não mais se contenta em pensar e descobrir seus caminhos no mundo, mas se empenha em transformar suas estruturas para fazer da Terra a sua morada.

É nesse movimento dinâmico de interação homem-mundo que os meios de comunicação (teatro, cinema, Tv, imprensa) vão adquirir toda a sua importância: por

serem, como indica a própria expressão, os *meios* ou instrumentos pelos quais se estabelece (ou restabelece) uma relação do homem com a realidade que o cerca. Relação que se torna ou se quer como *comunicação*, isto é, como um pensar, sentir e viver *em comum* com os outros. Comunicação, portanto, que é não só um movimento de extroversão, de abertura para a realidade, o mundo, os outros (crescidos em valor e importância com as novas necessidades do tempo e assim tornando-se cada vez mais presentes e vivos), como também uma *re-ligação* com as próprias origens, com aquele primeiro ser humano, pequena cédula viva no imenso ventre de uma natureza-mãe doadora e castradora, que dela tudo extraía, buscando as forças e a confiança para a sua ação em um contato com a comunidade em torno, em um sentir e agir em comum. E é no contexto desse retorno que a expressão de MacLuhan de estarem os meios retransformando o mundo em uma imensa "aldeia global" adquire todo o seu significado.

Mas essa relação espontânea com os demais homens e o mundo, pelo trabalho e pelo amor, exige uma maturidade expressa na capacidade de objetivar-se, de analisar-se para se conhecer, ou reconhecer, de situar-se, marcar sua presença em uma realidade e diante dos outros. É por isso que, buscando uma resposta para este "quem sou eu?" com que novamente se interroga, que o homem volta para si mesmo todo o seu saber, fazendo, de suas mais novas ciências, ciências do homem. E como um novo Édipo diante do enigma de uma nova Esfinge — que não é mais a natureza e sim ele próprio que, ao ultrapassá-la, assumiu seu lugar — busca, por todos *os meios* a seu alcance, reconhecer-se e religar-se.

É, pois, este fenômeno profundo de maturação humana que se expressa nessa objetivação crescente, reflete-se em todos os planos em que nos movemos e vai manifestar-se com maior nitidez na nova geração que surge, trazendo em sua própria face a marca de seus traços: a criança de hoje, mais ativa e agressiva, mais curiosa e extrovertida, mais dispersiva também, é talvez a primeira imagem do novo homem que surge, fazendo de suas técnicas, saber e arte *extensões* de si mesmo capazes de estabelecer uma *comunicação* com o mundo e os demais homens.

Meios de comunicação, em que sentido atuam o teatro, o cinema, a TV, a imprensa, etc, para essa transformação?

A pergunta atinge o núcleo mesmo de toda uma polêmica acirrada e ainda atual. A própria violência das reações que provoca a penetração cada vez maior desses

meios, a vontade manifesta, mesmo em pesquisadores inteligentes, de minimizar o alcance das transformações em curso, o impasse a que levam as discussões entre os partidários da comunicação de massa e os partidários da satisfação das necessidades sentidas são indícios de que o problema vai mais longe e mais fundo do que parece. É evidente que não podemos atribuir apenas à influência desses meios todas as mudanças que agitam o campo da educação e da cultura. Mas igualmente evidente que sua existência não pode ter deixado de transformar, dados fundamentais da participação dos homens no mundo da cultura.

Transformação que se torna particularmente sensível no caso da criança, causando aquela maturidade (às vezes mesmo prematura) de que se fala: pelos novos meios de comunicação de massa (TV, filmes, histórias em quadrinhos, etc.) a criança vê-se hoje colocada *em contato direto com a realidade*, formada e informada desde cedo de maneira diferente, por uma cultura que não é mais transmitida ou mediatizada por pais ou professores, que evita os rodeios da interrogação indireta, reduz ao mínimo, ou a uma fonte a mais de consulta, apenas, o contato informativo com adultos. A autoridade de uma comunicação pessoal passa a ser substituída pela do contato direto com os objetos da cultura. E a maleabilidade anterior dá lugar a uma atitude de assumir por conta própria a tarefa e os riscos de seu conhecer.

Atitude que revoluciona os esquemas de educação, tirando à escola sua autoridade e seu prestígio, reduzindo ou dividindo seu poder de formação com os meios de comunicação e provocando com isso condutas contraditórias: atordoando os conservadores de museus culturais, mas levando os professores mais conscientes a um aproveitamento do enorme potencial que encerra esse movimento autodidático na pesquisa orientada, no estímulo à criatividade, na solicitação à reflexão. Pois sabem que só assim podem buscar uma resposta ao desafio que representa a necessidade de uma nova metodologia, capaz de dar eficácia a uma ação educativa menos centrada na mensagem *em si* transmitida do que *na avaliação* das mensagens recebidas.

Desafio que se estende à nossa capacidade de utilizar em toda a sua extensão e profundidade os *meios* de que dispomos. O que pode ser sedimentado a partir de uma reflexão sobre os efeitos convergentes que tais meios produzem sobre a criança: efeito afetivos, ao agir sobre sua credulidade e encantamento e acionar seus mecanismos de projeção, identificação e transferência; efeitos emocionais, de mimese e catarse; efeitos

sobre sua percepção, deslocando-a de detalhes ou aspectos isolados para conjuntos maiores e mais distanciados; efeitos intelectuais, de ampliação e diversificação de informações sobre o mundo adulto; efeitos morais, sobre sua visão de mundo e escala de valores (Ah! A sempre discutida violência...); efeitos sobre sua socialização, também acelerada, desligada dos pais e do mundo adulto em geral, mas religando entre si os companheiros da mesma idade, que realizam experiências paralelas. (A Internet, hoje)

É essa referência á *experiência vivida* que traz à tona a ampliação ou modificação sofrida no próprio processo de conhecimento: a realidade que não é mais mediatizada pela autoridade, também não o é mais exclusivamente pelo conceito e, sobretudo para a criança, adquire enorme importância o papel da informação visual que caracteriza nossa alardeada "civilização da imagem": o pensamento verbalizante vê-se enfrentado por um pensamento imagístico; as mensagens transmitem menos conceitos do que formas; signos verbais e signos visuais coexistem, ou mesmo se opõem. Uma pedagogia da expressão visual vê-se assim duplamente desafiada: a obter uma visualização dos conteúdos verbais e uma verbalização dos conteúdos das imagens.

Partindo, assim, desse fato psicológico da criança — o de que tudo que vê, vive ou sente é por ela vivido como uma experiência e de que é o conjunto dessas experiências que dá as bases de seu enriquecimento potencial — compreende-se a importância assumida pelos meios de comunicação no desenvolvimento a criança e a afirmação generalizada de psicólogos, educadores e estudiosos da comunicação, de que as crianças estão usando esses meios como uma das fontes de onde extraem material para organizar e interpretar suas experiências.

Um enfoque pelo ângulo socioeconômico ilustra suficientemente o papel desses meios sobre o processo de desenvolvimento da criança: se percepção, memória e ação, maior riqueza de experiências, maior variedade de imagens, maiores oportunidades de confronto e discussão são fatores importantes, é visível a enorme diferença entre a criança que tem TV, que pode (isto é, tem condições financeiras para) ir a cinema, teatro, comprar revistas infantis, frequentar escolas maternas, ter, na Internet ou fora dela, contato com grupos da mesma idade, etc. e as que estão privadas disto, no todo ou em parte. Os que não têm acesso a eles se veem na mesma condição dos povos subdesenvolvidos em relação aos desenvolvidos: vêem aumentada cada vez mais sua

defasagem em relação aos mais ricos. E aumentada em termos que vão cavando progressivamente um abismo, mesmo: já viram o susto, a desorientação ou até desespero de um sem-número de professoras primárias que saem da Zona Sul, no Rio e vão lecionar nas zonas suburbanas? Pior: já viram crianças vindas do interior caindo de repente em uma sala de aula de uma grande cidade?

A pauperização crescente e polarização de classes geradas atualmente são também uma evidência. E trazem uma consequência realmente inquietante: impedem a sempre necessária democratização da cultura, a ampliação e renovação das elites dirigentes, retardam a mudança social — que é, ao mesmo tempo, causa e efeito do desenvolvimento — sendo, assim fator de entrave a todo progresso social e humano.

O que nos cabe, então, se nos preocupamos realmente com a criança, é buscar conhecer *seu processo de desenvolvimento e a ação* desses fatores sobre ele, para tentar achar nossas respostas ao desafio de transformação que assim nos é também proposto. Lembrando que é difícil isolar (ou às vezes até distinguir de imediato) os aspectos mais positivos e os mais traumatizantes desse relacionamento criança-mundo atual, pois os mesmo fatos encaminham, por vezes, às duas possibilidades. Para sentir a diferença, seria preciso lembrar que, entre *os aspectos mais positivos*, encontramos:

— a visão mais direta da realidade, o contato pessoal com os objetos da cultura — que reduz a autoridade, tanto de instituições (a escola e a família), como de indivíduos (pais e professores);

— donde, menor maleabilidade àquela autoridade (ai, a perda do "respeito" que faz o desespero de pais e professores inseguros...) e maior responsabilidade, pois ela mesma tem que "responder por" tudo que diz, faz, ouve, etc.;

— donde, desenvolvimento do espírito crítico e uma des-confiança sadiamente "irreverente" diante do que lhe é proposto;

— donde, potencial próprio de criatividade e reflexão, exigido pela própria necessidade de responder permanentemente a tudo que ela recebe do exterior e que a desequilibra momentaneamente, até ser assimilado e integrado, para obter assim nova equilíbrio.

O que nos faz ver, de imediato, *os aspectos negativos*, ou reverso desses dados:

— a dificuldade de selecionar e integrar dados tão dispersos e em bombardeio tão seguido sobre sua capacidade de absorção:

— a dificuldade de obter a visão de conjunto necessária à ação;

— a insegurança daí derivada e capaz de acionar os mecanismos de fuga e a submissão, conseqüente, a qualquer nova autoridade;

— a possibilidade de fazer do grupo, por efeito dessa insegurança, não uma ampliação da pessoa, mas um refúgio ou anulação da própria individualidade;

— enfim, a submissão possível a toda uma autoridade *impessoal* ("a sociedade atual é repressora... ") e tranquilizadora.

Mas, estes aspectos nos lembram *o possível*, os pontos que podem nortear nossa bússola em sua busca do que oferecer à criança de hoje. Pontos que devem, no entanto, *partir do real*, do que temos diante de nós, em nosso momento e meio. Cabe-nos, então, perguntar: o que oferecem aqueles meios, e a programação infanto-juvenil, para aquela influência possível sobre a maturação, a socialização, a percepção e conhecimento e demais mecanismos psicológicos acima apontados? Em termos de Brasil, que significado têm tais possibilidades? Que uso podem nossas crianças fazer com o que lhes é oferecido para organizar e interpretar suas experiências?

Uma visão de conjunto da programação infanto-juvenil da TV, por ex., nos faz de pronto vez que nela dominam as histórias ou desenhos que repetem indefinidamente uma situação básica (Cf. também o cinema, o teatro, as revistas em quadrinhos): de um ser pequeno e aparentemente indefeso que consegue sempre vencer ou iludir outro muito maior que o persegue ou tenta dominar. Em termos psicológicos, tal esquema é evidentemente gratificante: os mecanismos de projeção e identificação são aí acionados, explicando facilmente o fascínio com que a criança, sobretudo a de menor idade, se imobiliza diante da tela, ou do palco. Mecanismos, no entanto, que não só decrescem com a idade, como vão passar a acusadores severos quando aplicados à avaliação dos filmes ou histórias feitos com heróis das histórias em quadrinhos: aí Batman, Super-Homem, Nacional Kid, Zorro, Homem Aranha, Feiticeira, Jeannie e toda a série infinita de super-heróis e heroínas se estrutura sobre figuras que na vida real são seres comuns ou até insignificantes e ignorados (acenando com um apelo à identificação que se efetiva em capas, mantos ou toalhas jogados às costas nas brincadeiras e representações, ou chega a

predominar nos alardeados casos daqueles infelizes que se jogam pelas janelas tentando voar), Identificação, no entanto, logo a seguir frustrada (e curioso que seja tão pouco comentada a possível agressividade partida dessa frustração quando tanto se enfatiza o efeito mimético da agressividade e violência diretamente presenciadas) pela atribuição ao herói de poderes mágicos ou especiais, que não resultam de sua maneira de ser, de seu trabalho, de seu estudo, de seu esforço ou de qualquer outra fórmula possível de ser adotada e seguida. Não é sua imaginação e inventividade, sua capacidade de descobrir e de criar, sua inteligência em aproveitar os recursos que lhe oferece a realidade em torno, seu poder de reflexão informando uma liberdade de escolha, seu desejo de afeto e união duplicando suas forças no contato e relações com os outros, enfim, nada que caracterize o rico potencial essencialmente humano que é suscitado, apresentado ou até posto em questão, e sim poderes "mágicos" ou excepcionais, gratuitamente obtidos, privilégio do acaso ou dom de deuses ignorados... E só uma escamoteação grosseira ou intencional poderia querer justificar essa "magia" em nome da fantasia, do mito, da ficção que caracterizam a visão infantil de mundo e cujo sentido e realidade profundos Freud já demonstrou sobejamente ao analisar o jogo e a representação infantil e Piaget desdobrou na análise evolutiva do pensamento da criança: se não nos detemos apenas nos aspectos afetivos e emocionais, mas, lembrando exatamente essa evolução do pensamento infantil, retornamos à noção, acima comentada, de ser a percepção forma de conhecimento, veremos que o dado se volta contra tais filmes ou histórias para mostrá-las como uma negação total de um progresso cultural e humano.

Pois se os meios de comunicação representam uma abertura para o mundo, os outros, a realidade em torno, que visão de mundo vão ter essas crianças que desaprendem desde cedo uma autoconfiança e uma autovalorização só concedidas a privilegiados? Que vêm sempre encarnados em "inimigos" os seres de outras raças, potências ou planetas? Que veem as atitudes de dominação, agressão ou violência, condenadas quando são por eles usadas, mas tornadas válidas, justificáveis ou até dignas de louvor quando usadas pelos heróis "a serviço do bem", como instrumento de seu poder e ação?

É curioso como se enfatiza *o fato* da *violência*, isto é, sua presença, suas causas, consequências, etc. nos programas e obras, analisando-se muito a *violência em si*. Pouco se para, no entanto para analisar *o sentido* dessa violência, o que está além e que nos

faz ver que sua constância não é dado ocasional ou simples reflexo de uma atmosfera, mas representa o que há de mais condicionante e deformador em sua utilização: é que a violência está sendo institucionalizada. Marcuse, em um de seus muitos achados, chama a atenção para a frequência com que a sociedade atual absorve seus contrários em proveito próprio. Também no caso. a violência, que surgiu como resposta à instabilidade transformadora de um mundo em transformação, passa a ser racionalizada, justificada, valorizada mesmo por essa institucionalização que a transforma em instrumento legítimo de seu poder e ação. As ações de heróis da ordem — Barman, Super-homem, etc. — são, com frequência, muito mais violentas do que as dos elementos que as provocaram. Mas essa violência, por ser a de "justiceiros", mantenedores da ordem, por estar a serviço do poder, é vista como "legítima." Com essa mistificação de valores, o regime de violência torna-se uma situação natural, de fato.

Ora, em termos éticos, tolerar a violência ao próximo significa não só tornar-se cego a ela, como seu cúmplice, dela partilhando. À violência é o polo oposto da razão e da liberdade. Só pode ser canalizada, dirigida ou contida pela noção de justiça; totalmente esquecida, ou pior deturpada, nessas histórias em que os "justiceiros" são apenas os que visam a perpetuar uma aparente "normalidade" a cujo serviço sempre estão. Mais do que o clima de violência, portanto, é esta deturpação de valores, esta violência institucionalizada, que pode vir a causar o maior dano de todos: a despersonalização de toda uma infância e juventude, a criação de uma mentalidade condicionada e dirigida, a anulação de seu espírito crítico e seu sadio inconformismo, que são sempre exigência de horizonte e estrada.)

Uma visão mais aproximada *da dramaturgia infanto-juvenil* nos apresenta, em percentagem assustadora, o mesmo esquema maniqueísta e vazio, com um tema que se repete em infinitas variações: um dia ou um mundo em calma (essa calma exterior e aparente que muitos rotulam, enganadoramente, de paz); surge um *mal*-feitor e com ele a transgressão daquela ordem; o "bem", em nome dessa ordem, se arma contra aquele "mal"; entram em oposição, conflito ou luta aberta; por meios quase sempre mágicos, "os maus" ou "culpados" são punidos, "os bons" premiados e tudo volta a "ficar bem" de novo (ou, como diria o Super-Homem, "a ordem volta a dominar" ...).

Em tal esquema, *bom* e *mau* não são mais adjetivos, qualidades possíveis e/ou

instáveis: são definidos e estabelecidos *a priori* e não em função das atitudes e comportamentos de seus agentes. Estes não são sequer bons ou maus: são *o* bem e *o* mal, absolutizados — pois por eles se definem — sempre em função de um status ou classificação pré-estabelecida: o herói já surge "heróico", trazendo consigo, por dom do acaso ou dote de deuses ignorados, aquilo que faz dele o esperado salvador ou vencedor. E a ele se associam sempre todas as formas de bem: beleza, justiça, bondade, riqueza, luz, "paz e amor", etc. Visão que nada cria, que isola os seres e as coisas em seus termos absolutos e dá à realidade uma imagem estática — que muitos gostariam que fosse real...

Uma análise no plano dos valores não se mostra negativa apenas em termos éticos mas também, se nos preocupam sobretudo as nossas crianças, em termos socioculturais: que relação têm aqueles heróis, suas preocupações, seus recursos, seus interesses, suas aventuras, enfim, com nossa realidade nacional e regional? Que orientação traz a nossa criança, para a solução de *seus problemas concretos*, verificar como o Super-Homem se livra de cientistas que buscam tomar posse de fórmulas secretas de seu país, que dificuldades tem o fidalgo Zorro e seu amigo pele-vermelha com bandidos da fronteira e sargentos mexicanos, como o milionário Bruce Wayne é seu amigo Robin utilizam suas técnicas ultramodernas para ajudar a polícia na captura de malfeitores que infestam sua cidade ou de estranhos espões da Europa Central e da Ásia? Dificilmente se vê, na maior parte da programação apresentada em todos os meios, algo capaz de dar a variedade de informação e experiência que uma criança precisa receber fora da educação formal; de alargar seus poderes de observação e expressão; de aumentar-lhe a "alfabetização visual" a respeito dos objetos e dos fatos; de elevar sua curiosidade pelo que vê em torno; de abrir-lhe o mundo da realidade ligando-o também ao imaginário, ao metafórico e ao abstrato; de estimular a satisfação de necessidades até então não descobertas e a curiosidade por áreas ou assuntos de interesse e importância humana; enfim, de *melhorar sua condição humana através de suas experiências visuais*. Impossível? Quem disse? Se Monteiro Lobato, tão nosso e tão perto de nós, já provou que isto pode ser real?

Mas para isto seria antes necessário que produtores, criadores, (educadores inclusive!) fossem levados a ver na criança o ser humano de muitas facetas que ela realmente é e não um "espectador" (isto é, "aquele que olha) um consumidor ou recipiente passivo de informações acumuladas. Seria preciso uma mudança essencial de

comportamento e atitude: que o planejamento e visão das coisas não partisse apenas do ângulo do produtor/patrocinador/diretor, mas, *sobretudo, do ângulo do espectador, isto é, da própria criança*, para sentir que elementos estão compondo a estrutura da experiência do espectador infante-juvenil atual, o que nele obtém ressonância, o que pode despertar seu interesse e participação, quais as tendências específicas de cada idade ou sexo, enfim, para perguntar-*se o que podem nossas crianças fazer com o que lhes é dado em nosso teatro, cinema, TV, literatura, etc.*

Preocupações que parecem estar vindo à tona de vários pontos e que estão abrindo perspectivas e possibilidades novas.

Pois já que estamos vendo aqui o positivo e o negativo de todos os aspectos, é preciso manter-nos igualmente atentos a algo importante: que essas possibilidades, tanto no plano das tendências e valores, quanto no das iniciativas e estruturas, se dão uma promessa de abertura à criança, podem também trazer algo extremamente prejudicial. Como? A resposta nos vem da observação de um dado novo de nossas realidades: o início de uma "mitificação" da criança, isto é, de um "mito da criança" que pode se tornar, igualmente, um mito *para* a criança, uma tentativa de formá-la à imagem e semelhança de *modelos* desejados.

Depois de todo um período em que o "infantil" manteve a conotação pejorativa que assinalamos no início, começa-se a assistir a uma revalorização da criança ou da infância, vinda de várias causas: os estudos psicológicos (sobretudo a psicanálise de base freudiana) mostrando a importância da infância e dos relacionamentos nela estabelecidos, para o desenvolvimento individual; os teóricos da comunicação e da propaganda, demonstrando que a criança é excelente veículo receptor e divulgador (e não podemos esquecer que uma sociedade baseada na livre empresa e no lucro, a comunicação é em grande parte financiada pela propaganda); a importância atual da educação, e da cultura, evidente fatos e iniciativas que vimos desde a década de 60 para cá (maio de 68 em França, revolução cultural na China, movimento de contracultura nos E.U., etc). Pois se as relações dos homens entre si e com o mundo se tornam novamente básicas, *a cultura*, sendo o lugar ou contexto em que essas relações se processam, adquire importância vital. É por ela, que, aliada à *educação*, se poderá obter a aceleração (ou o retardamento...) de todo um processo transformador, atuando sobre um sistema de pensamento e hábitos para

mudar (ou tentar manter...) uma escala de valores compatível com o mundo atual e as necessidades por ele trazidas.

Há ainda, entre nós, a visão de que 42% de nossa população tem menos de 15 anos.

Há também, tenho a impressão, algo pode ser sugerido pela ressonância obtida pelo estruturalismo, pela filosofia oriental, pela redescoberta da alquimia, da astrologia, dos mitos, enfim, por todos os aspectos, desde a filosofia mais séria à mais fanática mania de horóscopos, que revelam a força crescente do *pensamento mágico e mítico* nas tentativas atuais de apreensão do real. "A imaginação no poder", escreveram os jovens nas paredes de França em maio de 68. Simples frase? Não. Expressão de protesto contra um pensamento racional que se havia estabelecido como única forma de abordagem da realidade e que hoje é negado não só em nome das demais funções do homem — imaginação, sensação e intuição — como para contestar tudo que surgira historicamente com ele. Contestação que atinge as raízes de uma histeria em que, para negar um intelectualismo ou cerebralismo excessivos e geradores dessa repressiva "civilização da ciência e da técnica," chegam a negar a própria razão — que deixam de ver como um poder de síntese unificador, fundamental em uma época em que a dispersão e o imprevisto fazem parte de nosso cotidiano.

Ora, um dos caminhos que levam à imaginação é *o lúdico* — que caracteriza toda a atividade infantil. Nele encontram-se à tona inúmeros aspectos que o homem sente hoje em si e na realidade que o cerca: é um aprendizado de uma realidade nova e caminho possível de uma descoberta; um exercício para uma vontade de poder e auto-afirmação; serve à realização de desejos (que é um dos motores do inconsciente), mesmo que só no plano da fantasia; tem a ambivalência e a imprevisibilidade que hoje caracterizam nosso real; fixa-se à forma, à aparência — hoje enfatizadas nos códigos que ressaltam a importância do signo visual, da imagem, etc.

Enfim, a pergunta que fica — e que só um estudo maior (que incluísse outros dados), poderia dizer (exemplo: por que o *esporte* — *jogo* também — é tão difundido no mundo de hoje? Por que tão explorado e explorável?) é se não haveria entre essa criança e o novo homem que surge elementos de identificação — não só no sentido inicialmente sugerido, de que na criança ele se revela — mas igualmente em sentido inverso. Isto é, de

que nessa criança ele se vê surgir e em suas características e respostas ao mundo descobre, mais que valores, *necessidades* suas: no momento em que as transformações aceleradas o sacodem, que lhe tiram todas as certezas, que o fazem por em questão o sentido de tudo, *o lúdico, o mágico, o mítico*, tentam o homem a um retorno ao mundo fascinante da infância, em que *a imaginação* se mistura ao real e lhe dá uma imensa *abertura*. E essa possibilidade de abertura de tal modo o atrai que ele fantasia, por um instante, fazer-se à sua imagem e semelhança, reaprender a brincar, redescobrir-se, redescobrir *sua espontaneidade* de criança. E fazer dessa descoberta *o ponto de partida de uma criatividade* que é hoje condição de sua auto-afirmação e liberdade — e sem as quais, mesmo que venha a ter tudo que esta mitificada e mistificadora "sociedade de abundância" puder proporcionar, será sempre, interiormente, um ser castrado e infeliz.